

GALERIA DOS ASES

FELICIANO

DO BELENENSES.

(foto Nunes d'Almeida)

Stadium

N.º 19 // 14 de Abril de 1943

EM França registou-se, há pouco tempo, um caso que tem muito de invulgar: Pauline Foucault entrou pela primeira vez numa piscina em 1936, quando já contava 56 anos. Aprendeu a nadar com essa idade. Em 1938, conseguiu, além do «brevete» que lhe dava aptidão legal para dirigir uma piscina de natação, o de salvação. Ganhou, nesse ano, o diploma de salvamento e medalha de prata de Educação Física da cidade de Paris. E foi nomeado professor de natação em 1942 — com 62 anos!

É um bonito «records»...

A expansão desportiva na província não é tão completa como por vezes se julga. E há algumas localidades que se queixam da falta de campos — que noutras terras não são bem aproveitados.

Em Moura há um campo de futebol devidamente vedado. Pois a erva cresce ali em condições de e jspôr que não há sequência nos sogos.

A Federação Francesa de Natação, a que preside ainda Dringy, um grande nome na natação e no jornalismo desportivo do seu país, não descarta o problema da boa propaganda. Tendo verificado que faltam, em grande parte dos clubes, bons educadores, procura compensar essa falta com ensinamentos de nadadores e treinadores de nome. Com este objectivo, arranjou equipas de nadadores categorizados, acompanhados pelos respectivos treinadores, e fa-las deslocar, em cada semana, a locais onde há piscinas ou um curso de água aproveitável para a natação. Estas equipas permanecem três dias em cada localidade — e estão ali à disposição de nadadores e dirigentes locais.

A propaganda, assim, é excelente.

A hora vai sofrer novo aumento, no próximo sábado. A hora de verão é esplêndida — para desporto. Por outro lado, começa a ser mais amena a temperatura.

Chega, por isso, a altura mais própria para os desportos náuticos. O remo principia a movimentar-se e a época oficial de natação abre no princípio de Maio.

AS dificuldades com que luta o ciclismo de competição não são exclusivas de Portugal. Em França vão sendo raros alguns dos acessórios, como «tubos», «baldões», rodas, os próprios quadros, etc. As dificuldades, obrigando a maiores despesas, devem ter compensação em melhores prémios. Os dirigentes da federação francesa de ciclismo lembraram aos organizadores uma fórmula de conciliação entre os seus interesses e os dos corredores e clubes: fazerem menos provas para que, sendo menos numerosas, os prémios possam ser mais elevados.

Poucas, mas boas — é a norma recomendada.

UM HOMEM E UMA ATITUDE

O último banquete promovido pela direcção do Ginásio teve significado de grande valor, no que respeita à dedicação e à gratidão de alguns dos seus sócios mais antigos. Chega a comover o enternecimento com que algumas pessoas idosas recordam a sua passagem pelos clubes de desporto. Houve, no referido banquete, mais do que uma atitude destas características. Mas quem se distinguiu, pelas afirmações que fez, foi o sr. almirante António Jervis Pinto Basto.

O seu improviso causou bellissima impressão em quem teve o prazer de o ouvir. À roda de oitenta anos, ainda forte, recordou o ilustre marinheiro, com entusiasmo, tudo quanto ficou devendo ao Ginásio, quando por lá passou, aos dezasseis anos, em preparação para outros desportos e — para a carreira que escolheu. Contou casos passados consigo. E chegou à conclusão de que a acção do Ginásio foi e é meritória, sendo portanto digna de elogio e auxílio.

Não cabe num artigo desta indole a narração de tudo quanto o sr. Pinto Basto disse. Mas fica bem registar que ele atribuiu à gymnástica feita no clube a elasticidade muscular que lhe permitiu cultivar, com facilidade, outros desportos — e que os benefícios colhidos na prática dos desportos lhe serviram grandemente em vários actos da sua vida profissional. Citou exemplos. E indicou que a preparação física tornou possível a ele, comandante de um barco em viagem no estrangeiro, fazer um desembarque que mais ninguém, entre a tripulação, tentou fazer.

Um outro aspecto das suas palavras, evocadoras do passado saudável, é o que se reporta ao conceito social que mereciam alguns dos atletas de há quarenta ou cinquenta anos. Sendo oficial de marinha, acompanhou D. Amélia de Orleans, em passeios velocipedicos, de tandem. Era na época em que a bicicleta merecia a simpatia das «elites» de todos os países. Talvez não fôsse bem pela ideia do desporto, mas por influência da moda. O certo, porém, é que os recursos do sr. Pinto Basto como ciclista contribuíram para a sua escolha e para acompanhar a soberana, pedalando com ela, numa bicicleta dupla. Pode, por isso, classificar-se de triunfo no desporto.

O sr. almirante Pinto Basto merece que o consideremos ainda um homem de desporto. E a sua atitude, recordando com saúde o que ficou a dever a um clube, merece ser apresentada como exemplo de dedicação — pela causa desportiva.

MÁRIO DE OLIVEIRA

ANO XI — LISBOA, 14 DE ABRIL DE 1943 — II SÉRIE-N.º 19

STADIUM

REVISTA DESPORTIVA

Director e Editor
DR. GUILHERMINO DE MATOS

Propriedade da
SOCIEDADE «REVISTAS GRÁFICAS», L.P.A.

REDACÇÃO E ADMINIST.: T. Cidadão João Gonçalves, 19-3.
Telefone 51146 — LISBOA

Gravura e impressão de NEOGRAVURA, LTD.
Composição e impressão tipográfica na GRÁFICA SANTELMO — LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

NUM jornal francês encontra-mos uma notícia curiosa: em Avinhão só é possível nadar em 45 dias de cada ano. Mas nem por isso a natação é desporto inactivo. E há até um clube feminino. Para estimular a actividade desportiva no resto do ano, dedicam-se os nadadores — ao basket. Com a prática de basket conseguem chegar à época de natação em boa forma atlética.

Entre nós, é também regular o número de clubes de natação que têm secções daquele desporto.

O nosso presado colega Diário de Lisboa publicava em 7 do corrente a seguinte local, que transcrevemos com a devida vénia:

«O sr. capitão Ribeiro dos Reis, que vinha preparando tecnicamente a selecção portuguesa de futebol, a qual se deve apresentar no próximo dia 18, no campo das Salecias, contra outro grupo de carácter nacional, demitiu-se daquele cargo.»

Esta resolução do conhecido técnico fil-a-se nas suas muitas ocupações de carácter militar.

ASSUMIU a chefia da redacção do semanário Sport Lisboa e Benfica, órgão do popular clube, o nosso estimado camarada de jornalismo sr. Carlos Rebelo da Silva, a quem cumprimentamos.

O Sport Algés e Dafundo organ- n-ou — à semelhança da época passada — o «Torneio da Primavera», que no domingo teve a sua primeira jornada.

Trata-se de competição interessante, adequada a um primeiro contacto com a água fria, pouco antes da abertura oficial da temporada.

É absolutamente oportuno, em plena primavera, que desportos como a natação venham já dar um ar da sua graça...

ESTÃO marcadas, em princípio, as datas de 1 e 3 de Maio para a vinda a Lisboa do Real Madrid F. C. a fim de disputar dois encontros de «rugby»: um com o Clube de Futebol «Os Belenenses», outro com uma selecção universitária lisboeta.

O «rugby» — a despeito de se possuir apenas um campo retilado — aravessa, entre nós, uma fase de pleno ressurgimento. A visita dos representantes do país vizinho viria, pois, na melhor altura. E seria útil sob todos os aspectos.

Oxalá, portanto, que tudo chegue a bom termo.

MANUEL DIAS, nome grande entre os grandes do atletismo português, vai, ao que parece, abandonar o desporto.

Absolutamente de acôrdo. Uma vez que a hora da despedida soon — e todos os atletas têm a sua — há realn nte que abandonar sem hesitações. O seu nome, no entanto, ficará para sempre. Será um idolo que resistirá a esse terrível inimigo — o tempo. O que fez em Berlim e em Londres não esquecerá facilmente. E a sua popularidade perdurará, ligada a uma outra, igualmente grande — a do seu clube.

APONTAMENTOS E COMENTÁRIOS

a propósito do campeonato nacional de florete de 1943

É desagradável não poder elogiar francamente o último campeonato nacional de florete — porque deixou bastante a desejar, sob vários aspectos.

A organização não primou pelo recomendável método, embora em parte por motivos estranhos à boa vontade da Federação de Esgrima. É que certas Salas de Armas só no último momento se consideraram obrigadas a remeter à F. P. E. as suas inscrições, hábito que condenámos muitas vezes e sempre procurámos reprimir.

Temos focado, também vezes sem conto, a indiferença dos esgrimistas pelos problemas do seu belo desporto, particularmente no que respeita aos serviços da Federação respectiva. Não há forma de incutir no ânimo de todos a disciplina de trabalho tão recomendável para os vários pormenores da actividade da F. P. E. Esta maneira de ser está tão profundamente enraizada no espírito dos atradores, e estes remetem-se, salvo dignas excepções, a tão profunda quanto egoísta indiferença, que nem os próprios prémios oficiais chegam, em casos que conhecemos, a ser levantados da entidade dirigente...

Pelo muito que temos estado em contacto com estes casos, acabamos por concluir que só uma disciplina rígida, até de características militares, podia influenciar benéficamente no comodismo de boa parte dos nossos esgrimistas. Mas que poderes possui a Federação para impor? Que resposta quem souber...

Voltemos, porém, ao campeonato de florete. E voltemos a falar da organização. Sob o aspecto técnico, a sala designada para a prova apresentava, desta vez, condições pouco recomendáveis: luz fraca e reduzido espaço para a movimentação dos componentes do júri. Se a «prancha» estivesse marcada com a largura regulamentar, o presidente do mesmo júri, por exemplo, que deve estar colocado a quatro metros do combate, nem sequer de um só disporia. Como é possível, desta forma, seguir convenientemente o lançamento e a sequência de uma frase de armas?

Outro pormenor que nos pareceu também descurado: o da propaganda. Sabe-se quanto é difícil conseguir para a esgrima o interesse publicitário reservado a outras modalidades desportivas de menor importância, cujas designações não interessam mas que encerram, indiscutivelmente, como factores da Educação Física ou como elementos de projecção no meio internacional, muito menor proveito — físico e moral... Se caíram no agrado de certo e numeroso público e reúnem, por isso, maiores assistências, estão longe de ter para o desporto português a utilidade da esgrima. Ora a Federação devia ter agido com maior labor em relação à propaganda a promover deste campeonato, indo até às delícias pessoais, sempre postas em prática com êxito, para evitar que se dissesse tão pouco de um «campeonato de Portugal» enquanto todos podíamos conhecer, no mesmo momento e com pormenores, o desfecho de várias competições de menor relevo na vida desportiva nacional.

Outra particularidade que feriu a nossa atenção foi a dos júris.

Quando a este caso, sejamos justos: não cabem culpas à F. P. E. Temo-lo tratado com frequência e referido as mil e uma dificuldades que os organizadores das nossas provas de esgrima encontram sempre para o resolver. Na realidade o problema é difícil, muito difícil até — uma vez mais devido à incompreensão da maioria dos esgrimistas e agora, também, pela desorganização que ressalta da vida das nossas Salas de Armas.

E já que falámos nisto — desejamos ir mais longe. A maior parte destas Salas funciona em colectividades que cultivam também outros desportos e cujas direcções confiam os assuntos de cada modalidade a um grupo de sócios, que orientam a respectiva secção.

Na maioria dos casos, porém, são os componentes das secções escolhidos por forma a cumprirem cabalmente as funções que lhes são confiadas? Sem desejarmos parecer irreverentes, não podemos deixar de estabelecer a dúvida — pelo que toca à esgrima.

Dantes havia menos comissões e trabalhava-se mais. O Mestre, com o seu saber, a sua experiência e o conhecimento completo que tinha dos seus discípulos, era o orientador, sob todos os prismas. Indicava a quem de direito quais os atradores que deviam ser inscritos em determinada prova e também aqueles dos seus companheiros que deviam estar presentes para o concurso a prestar na constituição dos júris. E com a correcção — ou disciplina, se preferirem — que parece ter desaparecido, acatavam-se tais indicações e lá estavam todos.

A F. P. E. está hoje em situação deveras difícil. Não dispõe de presidentes de júri — e a maioria dos vogais que se prestam ao «sacrifício» de auxiliarem os poucos daqueles presidentes que restam, fazem-no, é certo, cheios de boa-vontade, mas em condições técnicas discutíveis.

Urge que a Federação reúna os seus conselhos Técnico e Consultivo de Mestres, em conjunto com os mais autorizados representantes das Salas, com o fim de estudar a solução decisiva que se impõe — e que não pode fazer-se esperar sem consequências graves. E é necessário que os esgrimistas meditem na grande responsabilidade que lhes cabe nesta amarga situação a que chegou a esgrima em Portugal, situação que eles próprios geraram com a sua indiferença — com o seu eterno comodismo.

Deve-se, ainda desta vez, à «Mocidade Portuguesa» a maior inscrição no torneio — que, diga-se de passagem, reñiu um lote de atradores que não está de harmonia com as tradições da prova. Algumas Salas de Armas não procuraram fazer-se representar como lhes cumpria e outras, como a do I. S. Técnico, não proporcionaram à maioria dos seus atradores o útil contacto com adversários mais fortes, como o Campeonato acaba sempre por facultar. Não discutimos o critério. Sómente o consideramos prejudicial para a causa da esgrima.

Da exibição dos concorrentes — pouco há a dizer. Consideramos este torneio como dos mais fracos na história dos Campeonatos nacionais que temos visto.

Jogou-se quasi sempre mal. Só na primeira meia-final vimos alguns combates mais agradáveis de seguir, que se repetiram na final, uma vez por outra.

Jorge Oom, do Ginásio Clube — desportista completo e praticando com entusiasmo e valor qualquer das modalidades a que se dedica — venceu com mérito, merecendo este novo título de campeão nacional. Devemos sublinhar quanto melhorou à medida que a prova decorria, transformando o seu difícil jogo de forma a torná-lo mais incisivo e a dar aos seus toques muito maior nitidez.

Massano de Amorim atirou dentro da sua habitual «maneira» — mas agora com mais sentido de oportunidade e segurança do que há semanas. Continuamos, porém, convencidos de que deve tornar-se mais forte.

Carlos e Edmundo Franco, os habilidosos irmãos e companheiros de armas da «Mocidade», voltaram a exhibir a sua correcta esgrima, mas desta feita talvez menos seguros. Veiga Ventura esteve bem, dentro do pouco que tem trabalhado esta difícil arma que é o florete.

Andrade Barreto, Paiva e Pona e Soares Cardoso mostraram-se menos regulares, em especial os dois últimos, dos quais era lógico esperar exibição diferente.

Dizer mais — é repetir-nos. Quando muito, acrescentar que os jurís tiveram momentos de má visão que foram verdadeiramente de afligir... Mas, mesmo assim, só há que agradecer o seu concurso, já que outros mais competentes não poderão formar-se senão à mesa do café ou no confortável banco da sala de armas...

AVELAR MACHADO

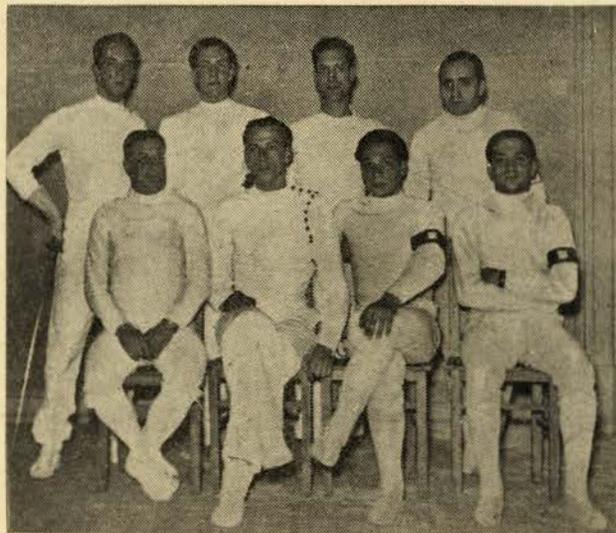
A CLASSIFICAÇÃO FINAL

Por ter sido publicada com leves inexactidões, repetimos a classificação final do Campeonato Nacional de Florete:

Campeão — Jorge Cesar Oom, do G. C. P., com 7 vitórias; 2.º — Massano de Amorim, do I. S. T., 6-1; 3.º — «ex-aequo» — Carlos e Edmundo Franco, da «M. P.», 4-3, 25,30 toques; 5.º — Veiga Ventura, do G. C. P., 4-3, 30 t. r.; 6.º — Andrade Barreto, da «M. P.», 2-5; 7.º — Paiva e Pona, também da «M. P.», 1-6; 8.º — Soares Cardoso, do A. C. L., 0-7.

Joaquim Lima

O Sporting Clube da Penha está prestando homenagem ao presidente da colectividade, sr. Joaquim Lima, com uma sucessão de solenidades festivas que começaram a cumprir-se no dia 11 e se prolongam até 18. Neste dia celebra-se uma sessão solene em honra do sr. Joaquim Lima.



Os finalistas do Campeonato Nacional de Florete



No «rink» do Jardim Zoológico

A BELEZA DA PATINAGEM

demonstrada pelos discípulos de Xavier de Araujo

A patinagem difere sensivelmente das outras modalidades desportivas pelas características especiais que possui e oferece aos seus praticantes, embora o parentesco desportivo lhe imponha as relações múltiplas que se traduzem no objectivo comum: aperfeiçoamento e desenvolvimento do corpo.

Assim, à parte o «hockey» em patins, que requiere, além de esforço e combatividade árdua, condições físicas e resistência especial, a patinagem desdobra-se nas suas múltiplas fases, adaptáveis e acessíveis a todos, sem distinção de sexo ou idade, não impondo sequer a sua prática aqueles que a Natureza dotou com boas condições físicas. Desta arte, ainda no limiar da sua iniciação em Portugal, a patinagem impôs-se logo como das modalidades desportivas mais propícias a suscitar a evolução profunda que a tornou um desporto popular por excelência.

Hoje é-nos dado verificar o entusiasmo, sempre crescente, que impela a nossa mocidade a querer viver a vida sã da patinagem em luta suave que o instinto busca, só pela beleza da forma e para alegria do espírito.

A competição implica obrigatoriedade de presença e requisitos de ordem física que não estão ao alcance de todos e, mais ainda, se contêm com o dilettantismo individual, sempre livre e espontâneo.

Por isso, os sítios ideais para construir «rinks» de patinagem serão aqueles que oferecem ao praticante, ao mesmo tempo, motivos de natureza desportiva e ambientes agradáveis, onde o espírito e os olhos possam descansar e gozar a luz e o sol, na contemplação das coisas simples da Natureza.

A Sociedade do Jardim Zoológico teve a feliz iniciativa de proporcionar à mocidade entusiasta do desporto mais um motivo de aprazimento. Além do «court» de ténis sítio no parque Farrobo, o Jardim Zoológico possui um esplêndido «rink», onde acorrem diariamente centenas de jovens com entusiasmo sempre crescente.

Quisemos ver de perto o que lá se fazia — e fomos visitá-lo... Regorgitava de gente o sempiterno mundo dos pequeninos. Lá estava o «rink», cheio de vida, de cor, de movimento e de ritmo, com a mocidade esfuzante e alacre a deslizar e exhibir as mais variadas atitudes plásticas. E não faltava o elemento feminino — raparigas de todas as idades — cabeças ao vento, emprestando ao espectáculo, encenando na policromia da pujante vegetação primaveril, a nota indelével de graça e beleza que ali se vive.

Confundido com o ruído dos patins ouve-se o gargalhar alacre dos pequeninos patinadores — alguns com 3 anos apenas — que colhem do desporto, ingénua e precocemente, os melhores benefícios do exercício ao ar livre.

São sempre as crianças que dão a mais emotiva nota. Lá fomos encontrar, entre elas, a pequena Ercilla Gil, a dos caracóis loiros — uma deliciosa garota de nove anos, já com o nome felto nestas lides da patinagem... Protagonista do film «Patinagem», do engenheiro Italo Rizzetti, e aluna das classes de ginástica do Ginástico Clube Português, cativa pela sua graciosidade — desenvolta e alegre, com a beleza de atitudes e a primorosa

A patinagem, assim praticada,

impõe-se como desporto, salutar, disciplinador e educativo das atitudes físicas, oferecendo, pródiga e exuberantemente, a quem o pratica, a alegria sã da que o corpo expande e exterioriza em arroubamentos de beleza.

Como orientador dos praticantes fomos encontrar Xavier de Araujo, nome grande do nosso desporto. Ficámos um pouco surpreendidos, pois leva já dobrado o meio século e ainda este homem de rija ténpera está em conhecimentos de «virtuoses» da patinagem

(Cont. na pág. 181)





NATAÇÃO: Começou o "Torneio da Primavera" do Alges e Da-fundo, na sua piscina de verão. 1— Algumas gentis concorrentes. 2— Um grupo de antigos "ases" que reapareceu... **HOCKEY EM CAMPO:** O belo encontro do Campo Grande: 3— A selecção dos macaístas. 4— A selecção de Lisboa. 5— Uma fase do jogo — que deu o 1.º "goal" aos macaístas. **ATLETISMO** — Disputaram-se as primeiras provas de "cross"; 6— A partida dos seniores. 7— A chegada do vencedor dos juniores. 8— O vencedor dos principiantes em plena corrida



À espera dos campeões...

O equilíbrio de valores tornou difícil o apuramento no torneio individual da Associação de Lisboa

O campeonato individual de Lisboa (masculino) apresenta-se este ano difícil de arrumar. Esperava-se que na última sexta-feira se pudessem conhecer os vencedores das três principais séries e, afinal, tudo está na mesma.

Teremos, portanto, que aguardar mais uma semana para arquivar os nomes dos campeões de 1943. Isto não impede, porém, que nos pronunciemos já sobre a interessante competição.

Para a mecânica da prova e sua organização, vão, como é natural, as nossas primeiras referências.

O campeonato individual de Lisboa constitui, desde os primeiros tempos do ténis de mesa lisboeta, problema de difícil solução. Tentaram-se alterações que pudessem evitar as «habilidades» de um ou outro mau desportista; transigiu-se quanto ao número de concorrentes que cada clube podia inscrever no torneio; procuraram-se facilidades para os concorrentes; fêz-se, enfim, tudo o que lembrou, no sentido de valorizar o campeonato e dar-lhe maior regularidade. Mas nunca houve maneira de satisfazer os menos exigentes...

Este ano adoptou-se novo «figurino» — embora não inédito. Nas suas linhas gerais, o novo sistema corresponde às necessidades da modalidade. Acabou-se, por exemplo, com o incompreensível rateio de concorrentes. Fazia lá sentido que um campeonato não fosse aberto a toda a gente — neste caso, a todos os jogadores inscritos?... Que a modificação foi acertada prova-o a circunstância do número de inscrições ter rondado muito de perto a centena, quando nos anos anteriores nunca se chegou a quatro dezenas.

De que a constituição de séries, estabelecidas consoante o conhecido valor dos concorrentes, foi proveitosa, também não restam dúvidas. A prova deixa de se arrastar por longo tempo e os encontros revestem-se de maior interesse, porque o equilíbrio de forças entre os contendores é mais evidente — e isto podia evitar o elevado número de desistências.

Outras vantagens surgem ainda do novo sistema, que se afirma digno de ser mantido com benefícios para todos.

Neste ano de transição houve falhas de organização e má cooperação de alguns concorrentes. É natural que, remediados os inconvenientes agora verificados — e a tarefa não é difícil, colhidos os ensinamentos deste ano de experiência — o campeonato entre no melhor caminho.

Somos, portanto, forçados a dizer que a competição de 1943 não correspondeu ao que se espe-

rava. As desistências foram ainda em número elevado e pouquíssimas se justificaram.

E as manifestações de falso desportivismo não se evitaram e não devem ter sido totalmente punidas.

No aspecto «competição», o campeonato não foi mau. Pelo contrário. Basta dizer que nas três séries mais importantes as «poules» não decidiram os vencedores. Por vezes chegou-se a «adivinhar» o campeão; mas logo na jornada imediata um resultado deixava por terra todos os vaticínios. E, todavia, esses resultados não constituíram nunca surpresa para os que tenham presenciado as pugnas.

Isto quer dizer, afinal, que o agrupamento de valores não estava mal feito. Qualquer deficiência, aliás natural, não chegou para deturpar as intenções dos dirigentes da modalidade.

Como atrás dissemos, as finais estavam marcadas para sexta-feira passada. Na mesa do Estefânia deviam ter-se defrontado Carlos Feio e Oliveira Ramos, para apuramento do vencedor da 1.ª série; Ernesto Silva e Veloso, para se conhecer o campeão da 2.ª série; outras posições intermediárias ficariam também esclarecidas.

Afinal, o Estefânia não pôde ceder as suas instalações — em condições para lamentar e que a A. T. M. L. deve já ter apreciado — e os campeões não se apuraram.

No Ferroviário, Feliciano Valentim, António Jorge e João Madeira disputaram uma «poule» para desempate, com vista ao 1.º lugar da 3.ª série. Mas, as coisas passaram-se de tal modo que o empate subsistiu.

Portanto, todos ficamos à espera dos campeões...

TEE-TEE.

O LISBOA GIMNASIO

promove no dia 20, no Coliseu dos Recreios, o seu sarau anual

COM a assistência do Chefe do Estado, ministro da Educação Nacional, presidente da Câmara Municipal de Lisboa, governador civil do distrito, director geral da Educação Física, Desportos e Saúde Escolar, e ainda de outras entidades oficiais, especialmente convidadas para o efeito, celebra no dia 20 o Lisboa Gimnásio Clube o seu sarau anual, no Coliseu dos Recreios.

Do programa, elaborado com o maior critério, fazem parte exhibições das classes de ginástica educativa de crianças, meninas e homens, de «boxing», luta greco-romana, jogo de pau, esgrima de florete, barra fixa, paralelas, saltos em mesa alemã, dança artís-

Tavares da Silva

fala à STADIUM

O facto de ter ficado sem efeito o encontro de futebol Portugal-França não deixa de rodear de interesse a apresentação em publico da selecção organizada pelo sr. capitão Ribeiro dos Reis, tanto mais que ao «onze» nacional será oposto um «team» escolhido por Tavares da Silva — figura de prestigio no desporto nacional, a quem se deve reconhecer mérito absoluto para o exito de tal encargo. Conhecedor profundo da nossa vida desportiva, jornalista distinto, o nosso presado camarada e colaborador falou-nos da missão de que foi incumbido pela Federação Portuguesa de Futebol, de pleno acôrdo com o sr. Director Geral dos Desportos.

A ideia que originou a missão de Tavares da Silva tende a «descobrir» os elementos novos que amanhã substituirão os actuals componentes da equipa de Portugal.

— A selecção nacional começa a estar cançada — diz-nos Tavares da Silva. E por isso necessário trazer para o plano do nosso «team» internacional novos elementos, sobretudo os jogadores da provincia, em que há habilitades a aproveitar. E o exemplo tem-se repetido varias vezes, o último dos quais o do benfiquense Julinho, que se não viesse para um clube da capital — pois só assim se puderam revelar as suas qualidades de jogador excelente — não veria o seu nome incluindo no onze português.

«Este grupo substituirá aquele que se formava para treino dos seleccionados, «team» com as mesmas qualidades e defeitos do grupo nacional.

— O seu cargo de futuro...

— Feito o jogo terminou a minha missão — o que não quer dizer que eu não estude um plano em confronto com os resultados deste «team» de gente nova, que no futuro defenderá no futebol internacional o nome do país.

— Como formou o seu grupo?

— O plano é vasto e eu não dispuz de tempo para «ver» todos os jogadores da provincia. Em quinze dias era impossível conseguir mais...

«O «team» que vou apresentar é formado por um grupo de rapazes novos em selecções. Se tivesse tido mais tempo iria até apreciar os jogadores dos grupos que não disputam o campeonato da 1.ª Divisão.

«Os meus «seleccionados» são de clubes do Pôrto, Guimarães, Algarve, Barreiro e também de Lisboa, visto que o papel de seleccionador não pode resumir-se a «arranjar» uma linha nacional que mais ou menos, com diferenca de um outro lugar, está na mente de todos nós.

«Claro que é preciso acautelar um pouco a inexperiencia destes rapazes, e não os induzir em erro, tanto mais que não têm qualquer especie de preparação em conjunto — somente, talvez, um leve treino na próxima 6.ª feira.

Se um ou outro jogador, por via disso, não der o rendimento esperado, tenho de reservar outros elementos — que não dispõem, evidentemente, de mais ou menos experiencia, pois encontram-se nas mesmas condições em relação ao conjunto».

HOCKEY EM PATINS**Nova Epoca**

A Federação Portuguesa de Patinagem vai começar a fazer disputar as suas competições officiais, no que respeita à nova temporada. No sabado effectuam-se, no campo do Lisgás, os primeiros desafios do torneio-relâmpago com que a F. P. P. ilustra o seu festival de abertura; e no domingo, em Oeiras, disputam-se os jogos restantes. O campeonato de Lisboa principia no dia 21.

Effectuou-se, há dias, a reunião de delegados, para elaboração do calendário de provas, tendo o sorteio do campeonato dado o resultado seguinte: I Divisão — 1. Paço de Arcos; 2. Hockey de Sintra; 3. Futebol Benfica; 4. Ateneu Commercial; 5. Académica da Amadora; 6. Lisgás; 7. Campo de Ourique; 8. Benfica. II Divisão — 1. Dramático de Cascais; 2. Desportivo dos Tabacos; 3. Sporting de Oeiras; 4. Sporting.

O torneio de 1943 é disputado, conforme foi aprovado no último congresso, em duas divisões; a subida e a descida são automáticas, não sendo necessários jogos de passagem.

Para o torneio-relâmpago, que faz parte do festival de abertura da época, o sorteio deu o resultado seguinte: dia 17, no Lisgás: Campo de Ourique-Tabacos (estrela), às 21 horas; Sporting-Benfica, às 21.30; Hockey de Sintra-Cascais (estrela official), às 22; Futebol Benfica-Lisgás, às 22.30; Ateneu-Académica da Amadora, às 23 horas; dia 19, em Oeiras. Paço de Arcos-Sporting Oeiras (estrela), às 15 horas, seguindo-se os desafios entre os vencedores das eliminatórias.

Como notas interessantes, destacamos: as estreias do Sporting de Oeiras e dos Tabacos e o reaparecimento do Sporting.

COUBE ao Benfica ir disputar ao Pôrto a partida de maior emoção. E não era bem por ter de se encontrar novamente com os campeões portuenses, mas pela circunstância de os derrotar em pleno período de recuperação, no pequeno campo da Constituição, suficientemente acanhado para o público poder acompanhar de perto a sua equipa num jogo difícil para os adversários, tão difícil que a derrota podia representar a perda do campeonato. O entusiasmo despertado pelo desafio não se limitava, no entanto, ao Pôrto, onde aliás bastou para esgotar a lotação... Havia em Lisboa muito interesse. A derrota do Benfica elevaria o Sporting a «leader» — e colocaria encarnados e azuis no mesmo plano, em segundo lugar.

O Benfica venceu, porém. Transpôs com galhardia uma das maiores dificuldades que se lhe depararam no galope final do campeonato desta época. A velha «alma» do popular clube lisboeta permite confiar sempre nos seus recursos. E ganhou, mais uma vez, num jogo em que as evidências da luta puseram à prova o valor da equipa. Saiu-se bem e pôde continuar por isso à frente da classificação.

Quanto a surpresas de jornadas, há a registar três coisas — a resistência oferecida pelo Leixões no balanço derradeiro do jogo, depois de estar a vencer; e as vitórias do Unidos de Lisboa e do seu homónimo do Barreiro. Dêstes resultados, surpreendeu mais o triunfo barreirense no campo de Guimarães, onde o Belenenses e o Benfica perderam pontos preciosos, que podem vir a fazer-lhes falta. A classificação geral não sofreu, porém, alterações sensíveis; ficou tudo na mesma, com excepção para o Unidos de Lisboa e Vitória, que trocaram entre si o quinto e o sexto pontos.

	J.	V.	E.	D.	«Goals»	P
Benfica...	14	12	—	2	66-27	24
Sporting...	14	11	—	3	53-39	23
Belenenses...	14	11	—	3	62-14	20
Olhanense...	14	6	—	8	33-38	14
Unidos...	14	6	1	7	59-46	13
Vitória (*)...	13	5	2	6	35-49	12
Académica...	14	4	2	8	44-47	10
Pôrto...	14	4	2	8	31-46	10
Unidos (Bar.)...	14	4	—	10	34-63	8
Leixões (*)...	13	—	11	15	35-38	3

(*) Tem um jogo em traso.

A eterna contradição...

Dos desafios marcados para Lisboa, o que se apresentava como menos equilibrado de valores era o que punha frente a frente o Belenenses e o Olhanense. Esperava-se que os algarvios estranhassem a relva das Salésias e não conseguissem por isso chegar à sua toada normal de ataque voluntarioso. Mas confiava-se, ainda assim, nos recursos que tem evidenciado.

A partida safu afinal, desnivelada — em números — no número de pontos marcados pelo vencedor e no número de jogadores da equipa vencedora. O Olhanense tem mérito bastante para não merecer tão pesada derrota. Mas teve de lutar em grande parte do encontro apenas com dez jogadores. E é difícil resistir a uma desproporção desta ordem.

A saída de um jogador

Grazina ficou magoado num joelho e teve de abandonar o rectângulo para o resto do encontro. O médio-centro do Olhanense é um dos pilares da equipa.

FUTEBOL

O Benfica transpôs um degrau difícil

na marcha do torneio, com a sua vitória contra o Pôrto

Nada de novo, entre os primeiros...

É elemento de grande valor — tanto a empurrar o ataque, como a ajudar a defesa do seu campo. Forma, com Abraão, o duo dos melhores jogadores do Olhanense. A sua falta é sempre sensível. De um desafio para outro, ainda se substitue. Em parte de um encontro, reduz grandemente o equilíbrio do «onze» algarvio. Foi o que sucedeu no domingo.

Este incidente não deve ter ditado a sorte do jogo, pela razão simples de haver já desnível entre as duas equipas, quando Grazina saiu do campo, em braços. Mas tornou possível um «score» tão volumoso. Até essa altura não havia ainda nenhum ponto. E marcaram-se cinco antes do intervalo. Isto diz tudo...

Um jogo em três partes

Temos, assim, vinte minutos de desafio com as duas equipas em igual situação numérica — e com o resultado em branco... O Belenenses deu, no domingo, a impressão de ter voltado à boa exibição da sua linha avançada. Rapidez de corrida, velocidade na jogada, mobilidade — e remate com frequência. Entre os dois grupos, os donos da casa pareciam jogar com todo o «onze» — e os algarvios sem o ataque.

Esta segunda parte dá, pois, a equipa vencedora a enlear os adversários numa série de jogadas vistosas — e um grupo a defender-se com brilho e energia. Abraão e Grazina estiveram em evidência, bem acompanhados pelos dois defesas. Com Grazina fora da luta, o ataque belenense encontrou a liberdade de movi-

mentos necessária para marcar pontos. Franklin, Rafael e Conceição distribuíram-nos entre si — quasi com simetria... Franklin, primeiro, Rafael, depois, José Pedro, o terceiro, Franklin, o quarto e Rafael a fechar a conta desta parte. Salvador marcou uma grande penalidade — mas para fora.

A terceira parte corresponde ao segundo tempo. Não tem história... O Belenenses, seguro da vitória, e certo da vantagem numérica, gastou o tempo — a fazer «bonitos»... Não houve interesse, nem entusiasmo. Cumpriu-se uma formalidade... Em determinada altura, pareceu-nos estar em treino — contra Abraão. Só para o fim é que se marcaram mais três pontos, por intermédio de Franklin, Quaresma e Conceição, por esta ordem.

Em conjunto

O Belenenses brilhou francamente, mesmo no período em que as equipas estiveram completas. A melhor exibição coube, no entanto, ao ataque. Conceição adapta-se ao lugar e Franklin e Rafael voltaram à mobilidade do princípio da época. Trabalham bem — com os dois pés. No domingo marcaram excelentes «goals» — com o pé do lado oposto àquele a que jogam.

Entre os algarvios, merecem destaque Abraão e Grazina: o guarda-redes do Olhanense teve mesmo uma tarde esplêndida.

Luta valorosa

O encontro Pôrto-Benfica teve por característica a luta valorosa entre duas equipas. Os campeões

portuenses vão voltando à antiga confiança, pelo menos perante o seu público. A sua exibição agradou por vezes, mormente no ataque. Jogou sempre no mesmo plano dos adversários, com excepção para o trio defensivo, onde houve alguma precipitação. Os visitantes batalharam sobretudo com energia ao ataque, e com segurança na defesa. Os pontos do «onze» lisboeta resultaram especialmente de deslizes cometidos pela defesa azul e branca. Guilhar, jogador internacional, contribuiu para o resultado com duas grandes penalidades.

Registaram-se períodos alternados de domínio. O Pôrto começou em geral bem para decair pelo tempo adiante, cedendo com a dureza imposta pelo interesse posto em jogo. Julinho marcou o primeiro ponto da tarde aos 8 minutos. E o Pôrto chegou ao empate, embora pouco antes do intervalo. O segundo tento lisboeta provocou o Guilhar numa situação de apêrto. De 2-1 passou-se para 3-1, aos 18 minutos. Mas o Pôrto respondeu com rapidez: Gomes da Costa fez, pouco depois, 3-2.

Com o «goal» de Gomes da Costa veio nova série de ataques portuenses. Tudo carriu bem — ao ataque. A defesa encarnada aguentou-se bem no balanço. E uma nova grande penalidade de Guilhar pôs ponto final na contenda. Manuel da Costa tornou a dominar na aplicação do castigo. O 4-2 manteve-se até o fim.

Telmosa infelicidade...

A Associação Académica teve no domingo uma tarde que pode classificar-se de infeliz. Mesmo com algumas substituições no ataque — colocação de Lemos a avançado-centro, aproveitamento de Peseta a interior direito e deslocação de Alberto Gomes para o pósto de interior esquerdo — a Académica jogou em condições de poder ganhar. Especialmente na primeira parte, dispôs de margem bastante para vencer com certa facilidade. Lemos, entrando oportunamente a um passe de Octaviano por alto, abriu o «score». Uma defesa infeliz de Mário, para perto, levou a bola aos pés de Tanganho. E o 2-1 resultou de outro falhanço da defesa.

Ao intervalo, o resultado não correspondia ao valor da exibição de cada uma das equipas. No segundo tempo, houve ainda domínio da Académica, em grande parte do encontro, mas a linha avançada nem sempre se entendeu. E os interiores, vigiados de perto, começaram a falhar, principalmente por parte de Peseta, bastante frágil para a luta de perto. O Unidos melhorou de jogo e impôs-se para o fim. Assim, para o domínio que deu aos académicos o segundo ponto, registou-se o terceiro «goal» do Unidos, em boa altura.

O conjunto no futebol

O Sporting voltou a uma tarde frouxa não obstante dispôs de valores individuais superiores ao que o Leixões apresentou. Faltou-lhe, porém, conjunto, como quem diz entendiamento entre todos os componentes da equipa; e houve desatenção no reduto defensivo. O ataque não pôde marcar pontos para traduzir em números o

Torneio da 2.ª Divisão

A décima quarta jornada do campeonato nacional da II Divisão determinou o apuramento de mais cinco vencedores de séries. A lista dos concorrentes que passam à segunda fase da competição ficou, deste modo, quasi completa, pois apenas três agrupamentos estão por concluir. E dêstes, dois têm já vencedor certo: o Sporting da Covilhã, na série 6, e o Estoril e Atlético, na série 13.

No último domingo verificaram-se os seguintes resultados: Gil Vicente-Famalicão, 1-0; Vianense-Vitória (R), 8-0; Vizela-Sp. Fafe, 3-2; Académica (R)-Calhábé, 1-1; Sport-Santa Clara, 4-0; Lusitania-Naval, 4-2; Vouzeirense-Académico Viseu, 2-2; S. L. Covilhã, Sp. C. Branco, 2-1; Alcabastrenses-S. L. Castelo Branco, 2-3; Sacavenense-Atlético, 3-4; Marvilense-Belenenses (R), 0-7; União de Tomar-Operário Vila Franca, 0-0; Lusitano de Beja-Estremoz, 2-3; Olhanenses (R)-Louletano, 4-2; Lusitano-S. L. Faro, 3-0; Sp. Farense-Glória, 7-0.

No grupo A, somente os minhoes estiveram em acção. O apuramento do vencedor estava resolvido, pois o Famalicão e o Sporting de Braga marcharam, por muito tempo, separados por um só ponto de diferença.

No último domingo, os famalicenses não puderam evitar a derrota, no campo do adversário, e os «leões» bracarenses, com dois pontos assegurados pela desistência do seu único adversário, passaram para a frente. Os outros dois resultados, sem interesse de maior, foram naturais.

No grupo B, a luta contra os clubes da A. F. Coimbra teve pouco interesse. O União estava já apurado. Disputaram-se três encontros de «pro-formas». A derrota da Naval pode apontar-se como o resultado mais inesperado, a confirmar o mau final de prova dos figueirenenses, que por largo tempo foram «leaders».

O Académico de Viseu, em casa do adversário, não foi além de um empate. Mas também não foi preciso mais para ser o primeiro da série, com vantagem de um ponto sobre o segundo.

No grupo C, há que salientar a copiosa derrota dos vilafraquenses em Tomar. O segundo encontro de apuramento do vencedor da série teve resultado inesperado. Admitia-se que os tomarenenses ganhassem, mas sucubiu por 8-0.

A facilidade da reserva belenense em bater o Marvilense e a dificuldade do Atlético em Sacavem, são também de salientar.

ZÉ DO PEÃO

(Conclui na pág. 15)

A VITÓRIA DO BENFICA NO PÔRTO E OS APUROS DO SPORTING

NÃO INFLUÍRAM NA CLASSIFICAÇÃO



NO PÔRTO: Uma defesa do Valongo; 2 - Manuel da Costa, apesar da desvantagem, consegue Iludir Baptista; 3 - Valongo consegue o 2.º "goal" do Benfica; 4 - Pratas marca o 1.º ponto dos portuenses (foto Hormann). NAS SALESÍAS: - 5 - Abraão executa uma das suas muitas defesas. 6 - José Pedro não chega a tempo de dificultar a acção do "keeper" algarvio. (fotos Marnique). NO LUNAR: 7 - Peyroteo luta com a defesa nortenha perante a ansiedade do guarda-redes de Peyroteo. (fotos Nunes-d'Almeida). EM COIMBRA: 8 - Uma fase do jogo Académicos-Unidos do Barreiro (fotos M. Carvalho)



NOVA «agitação no meio velocípédico com a segunda vitória de Império dos Santos!... O ex-corredor do F. C. P. entrou na equipa do Salgueiros com o pé direito. Regulamentarmente, a questão «morreu» — a transferência de Império dos Santos para o Salgueiros está dentro da legalidade. E, pois, ponto assente — não não «duro»...

— Um «mentor» do ciclismo portuense, com boas relações na capital, anda a preparar o ambiente de «hostilidade» ao corredor de Rio Tinto. Outra entidade, fora dos «segredos» velocípedicos, conhece de perto, por informes directos, os «acontecimentos»...

— A ausência de Correia Dias no jogo com o Olhanense foi recebida nos «bastidores da bola» com uma série de «boatos» disparatados... O jogador de Ovar não jogou em Olhão por um motivo muito diferente — tinha na sua terra, nesse dia, uma «festa religiosa»...

— Ficou já sanada a «bronca» da Associação de «Basquet-ball» do Pôrto pela incompatibilidade de dois dirigentes. Numa reunião oficial — presentes todos os dirigentes e o Delegado no Pôrto da Direcção Geral — ficou tudo em «boa paz». Os «altos» da A. B. P. já estão, novamente, no «bloco directivo».

— Mais um protesto de «basquet-ball», apresentado pelo Académico, sobre o seu último jogo com o F. C. P. O conselho técnico tem de julgar o «protesto» do club do Lima pela «razão e justiça» — dois pontos fundamentais... Tem «base» para a repetição do jogo.

— A transferência de Szabo do Famalicão para o Salgueiros — apenas como treinador — está posta de parte, em face da «intransigência» do club da A. F. Braga.

— O Ramaldense, nos dois encontros finais da «poule», conseguiu o «título» de campeão regional da época de 1942 — é portanto o representante nortenho na «Taça Portugal».

— É o segundo club portuense — na época passada foi o Leixões o vencedor do torneio do A. P. H. — que tenta a sua «chance» para a conquista do título máximo. A equipa do Ramaldense tem agora outra faceta desportiva — tem de vincar no próximo torneio inter-campeões o seu valor, como verdadeiro intérprete da sua região.

— O «hockey» em patins no Pôrto — cidade — está paralizado. Contudo, uma das equipas portuenses tem já uma série de organizações em vista, com um único objectivo: fazer a expansão do «hockey» em patins.

— O extremo-esquerdo da turma de «basquet-ball» do F. C. P., Manuel Veiga, tem sido bem «causticado»... O rapaz anda em maré de infelicidade.

— Um elemento que tem jogado em «honra» no F. C. P. e que ultimamente ganhou «esperas» em vários jogos do campeonato nacional, anda a ser muito namorado por um clube rival. Diz-se que a «pressão» é grande...

DR. ALVARENGA

MORAL DESPORTIVA

UMA circular da Federação Portuguesa de Futebol, enviada a todas as associações, clubes e colégios de árbitros, dá conhecimento de uma outra da Direcção Geral de Educação Física, Desportos e Saúde Escolar, na qual se diz que se tem verificado recentemente «uma recidiva em actos reprováveis cometidos em campo, apesar das frequentes recomendações que por esta Direcção Geral têm sido feitas e da benéfica acção desenvolvida pela imprensa desportiva de muitos pontos do país».

Nas deduções feitas na referida circular diz-se também, com clareza, quais as razões que determinam, por parte do público, a prática de actos condenados pelo bom senso.

Dificilmente será possível evitar a continuação de varios casos lamentáveis, em que aparecem envolvidos individuos com responsabilidade social, personalidades que têm, fora do desporto, correcção de trato incontestável. O meio desportivo, ou melhor, o meio existente nos campos desportivos, é diferente, em tudo, daquele que se encontra na sociedade.

Como muito bem se cita na circular a que nos reportamos, nos lugares reservados aos associados dos clubes o ambiente torna-se, por vezes, extremamente denso, quer para os grupos adversários, quer para os juizes de campo.

Temos presenciado dezenas de questões desta natureza, em que os «valentes», depois de cometida a «proeza», se escondem e fogem à intervenção da policia. Assistimos, há cerca de um ano, a um espectáculo do género no campo de um clube da primeira divisão. O enérgico saltou a pés juntos para a bancada, derrubando tudo quanto encontrou: telefones, jornalistas, senhoras... Depois de ter jogado alguns sopapos, quando a policia se avizinhava do local fugiu à acção repressiva da autoridade.

Toda a gente lhe citava o nome. Mas não houve quem o segurasse para lhe seren acalmados os impetos felinos.

Levará algum tempo a pôr em seu lugar as assistências, que, na maior parte, sofrem da pressão exercida pela «gente da casa». E nesses debates entram, por vezes, individuos com cargos de responsabilidade na organização desportiva ou com um passado que têm o dever de defender. Directores há que, terminada a sua acção administrativa e disciplinar, olvidam tudo o que antes disseram, para criarem, depois, atritos às gerências seguintes.

Uma das atitudes mais condenáveis e que mais caiu em moda foi a das «pedrinhas». Se não é o guarda-redes contrário é o árbitro a vítima. E quanto a guarda-redes, permitam-nos que desde já chamemos a atenção da Direcção Geral para o facto de certos elementos simpatisantes com determinados clubes se collocarem, em alguns campos, por detrás da baliza do

guarda-redes adversário, insultando-o, apedrejando-o, ou prejudicando por qualquer forma a sua acção.

Já em tempos os jornais falavam na necessidade da criação de uma «policia de costumes» nos campos desportivos. Fomos um dos que a tal se referiram e que disseram do muito que haveria a esperar de benéfico para o desporto com a presença desses agentes nos rectângulos de jogo. E que, por vezes, a grosseria soez corre a par e passo com o jogo. Compreende-se o enervamento que isso causa nos jogadores e nos dirigentes da partida, quebrando nos primeiros os seus propósitos de correcção e nos segundos a serenidade indispensavel ao exercicio da função. São estas as justas palavras com que a Direcção Geral aprecia e comenta estes casos.

MÁRIO AFONSO

O BOAVISTA CONTINUA NA I DIVISÃO

A vitória obtida pelo conjunto do Bessa sobre o campeão da II divisão regional ditou a sua continuação na divisão maior.

O Boavista defende o seu lugar pela segunda vez. Em ambos os casos fez-lo com brilho, deixando em todos a certeza de que é na Divisão de Honra o seu posto.

Perseguido por uma dose de infelicidade, o grupo dos «maravilhas», do «jogo inglês» — como afirma o Magalhães... — não tem podido ou sabido alcançar no torneio regional lugar de harmonia com o seu valor real. Porque a verdade é que o Boavista possui conjunto e tem um grupo de rapazes dedicados, que se esforça o mais que pode por dar ao clube tardes de excelente futebol — mas ao qual a vitória não sorri como deveria!

Ainda no ano findo o Boavista impressionou toda a critica pela sua actualiação, perdendo jogos em que deveria ser o vencedor lógico e racional. Mas a lógica às vezes não existe. É o caso do Boavista.

Sinceramente rejubilamos com a vitória do clube do Bessa, sem, contudo querermos com isso diminuir a tarefa do Vilanovense, clube modesto, que conta grandes dedicações e possui instalações das mais perfectas no nosso meio desportivo.

CARTÕES DE «STADIUM»

Para os devidos efeitos tornamos público que se encontram anulados todos os bilhetes de identidade de «Stadium» passados com a data anterior a Novembro de 1942.

MANTÊM-SE o interesse pelo campeonato regional de handball. A primeira divisão, em especial, tem proporcionado esta época excelentes demonstrações de vitalidade, quer sob o aspecto propriamente técnico, em que se notam belas fações do jogo, colectiva e individualmente, quer mesmo pela affluência de público — sintoma do carinho que a população nortenha empresta a esta modalidade desportiva.

O jogo Pôrto-Vigorosa proporcionou 60 minutos de absoluto agrado. Um grupo rejuvenescido, ultrapassou, pela sua tenacidade, a categoria incontestável dos campeões nacionais. A dosear a fogaçidade do grupo das Cavadas, persiste, como «cabeça», o «velho» Arnaldo Xavier. Meia dúzia de intervenções oportuníssimas bastaram não só para comprovar a sua classe de jogador, como para demonstrar que é elemento ainda insubstituível «onze».

Jornada a jornada, verifica-se sensível deslocação do Fontainhas e do Vilanovense. Enquanto o primeiro vai declinando, a justificar insufficiente preparação técnica, o segundo, aproveitando a experiência dos encontros, adquire personalidade. A recente inclusão no grupo de dois jogadores (Sousa e Serafim) que se encontravam temporariamente afastados, veio consolidar o poder realizador do grupo.

O Académico, que está no 2.º lugar, também formado por muita gente nova, teve tarefa facilitada ante um Sport muito longe, em valor técnico, dos «onzes» de outras épocas.

Assume interesse bem justificado a pugna entre os prováveis segundos (Académico e Vigorosa), tanto nos jogos que tenham de travar entre si como nos encontros com terceiros, na esperança de eventual deslize.

Porque, para o título, não se julga a possibilidade de fracassos repetidos do favorito — o F. C. do Pôrto.

LEME.

Assine a Revista «Stadium»

3 meses Esc.	19\$50
6 " " "	39\$00
12 " " "	78\$00

Um chapéu e um companheiro!
Uma camisa de gato!

STADIUM

RUA da PALMA 105 A

CERTO dia, Desgrange, o saído jornalista francês, para justificar e dar também realce à vitória dos corredores do seu país em luta com os belgas numa prova contra-relógio, escreveu no jornal «L'Auto»:

«Quando um estradista ganha uma competição em que o seu principal adversário é o «tempo», só há a dizer que foi superior técnica e atleticamente a todos os outros».

Sintetisa tudo, quanto a nós, sobre o mérito de tais vitórias, a expressão do famoso crítico. De facto nada há, para mostrar as possibilidades de um atleta, como essas competições «duras», difíceis de fazer e emotivas, em que cada concorrente, entregue só aos seus recursos físicos, à sua «cabeça», aos seus nervos, tem de vencer quilómetros e quilómetros, sempre preocupado com a «fuga» dos homens que o precedem e a aproximação dos que o perseguem. E, logo que, nestas condições, consegue ser mais rápido que qualquer outro, indiscutivelmente que, pelo menos, dessa feita, tem de ser considerado o melhor de todos.

Assim, na corrida dos 100 quilómetros contra-relógio, disputada no domingo, no suave percurso da Azambuja, houve um vencedor, incontestável e de mérito absoluto: o «iluminante» João Rebelo. Saído do Campo Grande na pegada dum homem sem grandes aspirações, o que de certo modo tornou difícil a tarefa, Rebelo confirmou plenamente o comportamento que havia tido nos 100 quilómetros clássicos, dando-nos razão sobre o que dele escrevemos e mostrando ainda que poderia ser um «primeiro plano» na nossa velocipedista se se dispuzesse a ter vida desportiva e privada mais regrada e metódica...

Os vencidos

A justificar a razão de que os vencidos podem lastimar-se, estão os casos de Bartolomeu e José Martins.

Embora as suas «desdidas» não cheguem para criar em nós a ideia de que sem elas poderiam triunfar, as mesmas servem, no entanto, para valorizar as suas provas.

O sportinguista — a surpresa da corrida — teve de servir de «guia» e, como tal, não possuiu pontos de referência para a sua marcha. Mesmo assim classificou-se em segundo lugar, a escassa diferença do vencedor, embora haja a dizer que nem sempre a sua conduta foi desportivamente regular.

Quanto a José Martins, determinadas preocupações de ordem particular que o afligiram nos últimos dias, devem ter diminuído o rendimento do estradista da Malveira — um homem que, em situação normal, deveria aproximar-se muito do vencedor.

Também Lourenço e Inácio, adoentados, e Lopes, atrazado por aparatosa queda, se quedaron à quem de suas possibilidades, as quais, no domínio, devemos repetir, não chegavam para destronar Rebelo.

Dentro dos seus recursos, nos limites das suas forças actuais — que condizem com as últimas excelentes provas por eles efectuadas, estão as classificações de Aristides Martins, o atleta que parece «movimentar-se em «esferas», tal é a sua «souplesse», e



ciclismo

João Rebelo

venceu com merecimento os 100 quilómetros contra-relógio

António Jacinto, pujante de força e vontade, que, quanto a nós, ainda terminou a corrida com energias para «queimar». Que belo final de prova fez este rapaz, a dominar e a vencer os últimos troços de estrada a uma média de 40-45 quilómetros!

Só Raposo — o excelente segundo de 1942 — desiludiu com seu oitavo lugar, pois é corredor que pode fazer melhor, se quiser. No domingo este estradista, impressionou-nos desagravelmente pela maneira «forçada» como pedalava, a acusar fadiga. E essa impressão aumentou a termos conhecimento de que se havia servido do abrigo ou reboque de um automóvel para alcançar o adversário que seguia na sua frente.

Não podemos afirmar, porque não vimos, que Raposo assim procedesse. Mas se o fez achamos que a U. V. P. deve intervir, pelo que representa de anti-desportivo o tentar vencer adversários por processos tão antipáticos.

Ideias gerais

No conjunto, a prova teve mérito, menos é certo que a de 1942, pois o dia não era dos melhores, para tal genero de corridas. Os tempos, embora inferiores aos de 1942, devem ter sido mais difíceis de obter, porque nenhum atleta que correu o ano passado, embora desta vez com melhores classificações, conseguiu as médias de há um ano. Por exemplo: Rebelo, Aristides e Bartolomeu, classificados nos tres primeiros lugares, creditaram-se com «tempos» piores que os chegados em 1942 em sétimo, oitavo e nono lugares. Questão de condições atmosféricas e percurso, pois a forma dos corredores deve ser sensivelmente igual à da época passada, exceptuando Lourenço e Raposo, ainda sem as «escaravellas» certas.

Quanto à organização, julgamos que há que modificar a estrutura das provas contra-relógio, pelo menos enquanto não houver possibilidades de exercer severa fiscalização na marcha dos corredores. Porque, dos que tomaram parte na prova de domingo, só Rebelo, Martins, Aristides, Jacinto, Inácio, Lourenço e Lopes fizeram «corrida limpa». Os restantes, mais ou menos, encontraram por vezes «abrigo» atrás doutros corredores, ou de veículos que por eles passaram.

As outras provas

Tiveram os irmãos Jacintos «dia em cheio». O Guilherme, apesar de ter partido o guiador, e atrasar-se por tal motivo, veio a ganhar a prova de júniores. O José, em bicicleta pouco à medida para a sua estatura, também se «desforrou» da adversidade

que o tem perseguido, vencendo, e em tempo «record», a prova seniors.

E o Benfica — finalmente o Benfica nas corridas de competição! — chamou a si, por intermédio de Manuel Catarino e Dias Maia, os triunfos nas categorias de iniciados e veteranos.

Para a posse do titulo de campeão, os melhores classificados em cada categoria são: Martins, Guilherme Jacinto, Tavares da Silva e Maia.

GIL MOREIRA

ANICETO BRUNO ganhou a corrida do Porto

COMO era de esperar, a prova de domingo alterou a classificação na tabela geral dos mais qualificados para o apuramento do campeão regional. Mas a alteração foi feita pelo júri, que resolveu desclassificar dois corredores, quando parece que a punição foi demasiado dura.

Aniceto Bruno viu-se assim alcançado ao 1.º posto, quando em boa verdade o lugar pertenceu a José Pardal, que teve comportamento digno de melhor sorte.

Desta forma, a classificação final foi:

1.º Aniceto Bruno, F. C. Porto, em 3 h. e 40 s.; 2.º Jerónimo Souto, Académico, em 3 h. 1 m. e 55 s.; 3.º Belmiro Correia, idem; 4.º Império Santos, Salgueiros; 5.º Rogério Coelho, Académico; 6.º Fernando Moreira, F. C. Porto.

Pardal cortou a meta com o tempo de 2 h. 56 m. e 55 s. ou seja com menos 3 minutos e 25 segundos que o vencedor, mas alegando-se «entre-ajuda», a Delegação resolveu desclassificá-lo.

Em seniors, venceu Mário Alves, do Académico em 3 h. 28 m. 40 s., e, em juniors, Francisco Castro, do F. C. Porto foi o vencedor em 2 h. e 5 minutos.

I Rampa de Santa Catarina

Um grupo de desportistas e adeptos do ciclismo está organizando, sob os regulamentos e o patrocínio da U. V. P., uma competição ciclista denominada «I Rampa de Santa Catarina» que se realizará no dia 2 de Maio, integrada no calendário de provas daquela entidade, já publicamente anunciado.

Para esta organização — que tem o concurso do Grupo n.º 94 dos Escuteiros (núcleo da Ajuda) — «Stadium» oferece uma taça de prata.

«Rallye» do Ribatejo

Efectua-se no domingo uma prova ciclo-turística denominada «Rallye» Ribatejo, que terá como

ESTA em festa o nosso colega «Os Sports», um jornal de desporto que Campos Júnior fundou e Raúl de Oliveira tem dirigido, nos últimos anos, com a maior proficiência e o melhor sentido de orientação. Entrou no seu 25.º ano de existência — a caminho de cumprir um quarto de século na sua missão, que é a nossa, também, de servir o Desporto, causa comum por que todos trabalhamos. As suas colunas têm sido ilustradas pelos nomes mais categorizados do jornalismo desportivo português de há duas décadas e através delas têm passado, igualmente, inúmeros artigos de doutrina e divulgação — que constituem, no todo, uma obra completa e notável.

Apetecendo as maiores felicidades ao nosso colega — «Stadium» regista com aprazimento a passagem de mais um aniversário de «Os Sports».

O Domingo desportivo

Resultados diversos

Rugby — Campeonato de Lisboa: Atlético-Belenenses, 5-3; Benfica-Estoril Praia, 13-12; Gimnásio Académica, 14-4.

Basketball — Campeonato de Lisboa: Atlético-Campo de Ourique, 41-24; Lisgás-Belenenses, 50-7; Carnide-Rio Sêco, 49-30; Unidos-Ateneu, 42-19; Benfica-Algés, 45-32; Maria Pia-Sporting, 40-27.

Cross-Country — Prova de abertura. Vencedores: Aníbal Barão, Sporting, em seniors; João Silva, Benfica, em juniors; Tomás Pereira, Sporting, em principiantes; António Azevedo, Benfica, em estreantes.

Futebol — Jogos de passagem dos torneios da A. F. L.: Fósforo-Estoril Praia, 3-1; Palmense-Operário, 1-1.

Remo — Regatas escolares, organização da «M. Pa.». Vencedores: Liceu Pedro Nunes (taça «Mauferriin Santos»), escolas secundárias; Escola Portuguesa (taça «Eng. Nobre Guedes»), escolas médias; Faculdade de Ciências (taça «Comandante Soares de Oliveiras»), em escolas superiores.

BOLETIM DA F.N.A.T.

RECEBEMOS o 2.º número do Boletim da F. N. A. T. — a simpática organização cuja finalidade é «o aproveitamento do tempo disponível dos trabalhadores portugueses para lhes assegurar, no limite do possível, o maior desenvolvimento físico e a elevação do seu nível moral intelectual».

O exemplar que temos presente refere-se à entrega de mais um ginásio à F. N. A. T., às colónias balneares infantis, à curiosa realização de «Um lugar ao sol», serões culturais, acção desportiva, etc.

A. Ribeiro da Costa

ALFAIATE DE SENHORAS
ULTIMAS NOVIDADES

245, Rua Augusta, 247

TELEFONE 2 1040

prémios 8 medalhas (para a média de 20), 10 medalhas (para a média de 15) e taças para as duas primeiras equipas de cada média, a uma das quais foi dado o nome de «Stadium».

ACTIVIDADES DA M. P.

1, 2 e 3 - As tripulações vencedoras das provas de remo. 4 - A "equipa" do Centro n.º 22, que triunfou na estafeta de 3x80 metros. 5 - O vencedor dos 60 metros planos no cortar a meta



"STADIUM" NO PÔRTO :

Os concorrentes aos torneios escolares de florête, organizados pela "Mocidade" (1) e as equipas do F. C. Porto (2), Estrela Vigorosa Sport (3) e Académico F. C. (4), que seguem à frente da classificação no campeonato de Hand-ball, por esta ordem





1 e 3 - PENICHE: — O «team» de honra do Grupo Desportivo de Peniche, vencedor da série 9 do grupo C da II Divisão nacional e o seu habil avançado-centro, Ismael Chaves; 2 - SETUBAL: — O «cinco» do Naval Setubalense, novo filiado da Associação de Basket-Ball do Barreiro; 4 - VILA REAL: — António Castanheira, excelente jogador do Sport Clube de Vila Real; 5 - PENAFIEL: — O «onze» do Sport Clube de Penafiel, 1.º classificado da série B do Campeonato da Promoção da Porto; 6 - ARRIANA: — O «team» do Clube Desportivo Arrifanense; 7 - MAFRA: — Gracioso grupo de desportistas que formaram os «cinco» de «basket» que disputaram a final da taça «Fernandes Coelho».

VAI PRINCIPIAR A ACTIVIDADE DA ÉPOCA

Vai principiar a actividade da época de inverno de atletismo (já principiou, deverão dizer os leitores quando percorrerem daqui a breves dias estas linhas), a qual, para não destoar do desprendimento de pontualidade dos dirigentes, começa quando a primavera já nos está mostrando características estivais...

A última assembléa mistério da Associação de Lisboa — e dizem mistério porque os habituais panegiristas deste organismo esqueceram até noticiar a data da sua convocação — celebrou-se com o ligeiro atraso de 15 meses: os dirigentes, cujo mandato terminava em dezembro de 1941, gostaram do cargo e deixaram-se ficar, sem prestar contas a ninguém, até Março de 1943. Não admira, portanto, que as provas de corta-mato, cujo período normal decorre entre Janeiro e Março, se estendam por Abril e Maio; tecnicamente, o erro é crasso, mas o que importa aos dirigentes era esperar pela elaboração do relatório...

Em Portugal, como sucede em toda a parte, os homens da temporada de corta-mato são os mesmos que participam em pista nas provas de fundo. O que acontece diferente no nosso país, relativamente à norma estrangeira, é uma preparação deficiente destes corredores, que pertencem, na grande maioria, a classes muito modestas, com higiene alimentar e regime de vida absolutamente rudimentares.

Por tais motivos é necessário, cá ainda mais do que lá, assegurar um período intercalar das competições de inverno para as de verão, permitindo assim recuperar energias e escapar aos prejuízos do excesso de trabalho desportivo.

Em Lisboa, no ano de 1943, nada disto vai acontecer e a actividade das duas temporadas será ininterrupta, com as consequências que o destino ditar. Mas os dirigentes cessantes, que são quasi todos «continuantes», conseguiram redigir os seus relatórios — bem redigidos, diga-se de passagem e em abono da verdade — e apresentá-los quasi à última hora aos congressistas benévolo.

Estamos habituados a ler com frequência a apologia da «obra» realizada pelos mentores do atletismo lisboeta, traçada em via de regra pelo único desses mentores que possui trabalho averbado na coluna do «haver»; e contudo, se aprofundarmos a análise à tão apregoadas «obras», encontramos uma armaria burocrática perfeita, progressos técnicos que são de exclusiva origem clubista, propaganda de iniciativa jornalística e organizações de provas e campeonatos que constituem a mais elementar obrigação estatutária.

Para manter inteira propriedade nas apreciações é indispensável acrescentar que o panorama é muito mais aflitivamente árido se transitarmos da Associação

Regional para a Federação Nacional.

Alvitrámos, por exemplo, numa conferência para que fomos convidados na sessão de entrega dos prémios da época de 1941, que fosse organizado pela A. A. L. um curso de monitores, cuja parte do ensino técnico ficaria confiada ao Conselho do mesmo nome e para cujos outros ensinamentos oferecemos a nossa colaboração.

Afirma o relatório agora apresentado que foi o Conselho Técnico quem pensou criar o curso de treinadores e que colaborámos no estabelecimento das bases de funcionamento respectivas, sem que fosse possível dar execução à idéia porque se levantaram dificuldades.

Parece-nos que a primeira destas dificuldades foi a inércia de quem competia animar o projecto; pelo menos verifica-se que a firme vontade de agir bastou para dar vida ao curso de instrutores da F. N. A. T., do qual assumimos, sem ajudas, a integral responsabilidade — e cujas lições prosseguem com êxito compensador de frequência e aproveitamento.

A propaganda do atletismo junto do publico e dos próprios possíveis praticantes não se faz apenas com criticas tendenciosas ou relatos objectivos: são necessários, sobretudo, a apreciação técnica concreta e o ensinamento compreensivo por todos, expressos pela escrita, pela palavra ou, melhor ainda, pelo exemplo visual. Se dispuzessemos dos recursos ou da influencia de um organismo dirigente teriamos há muito posto em prática o projecto de organização de sessões cinematográficas, com programas de documentários técnicos de atletismo, que os há abundantes e excelentes, comentados directamente pela nossa palavra.

O especialista de qualquer modalidade aproveitaria preciosos ensinamentos com o espectáculo de um filme relativo à sua prova e durante o qual um comentador competente e oportuno puzesse em foco os gestos e atitudes mais importantes, os pormenores característicos do estilo — que encerram tanta vez o segredo do triunfo.

Outra iniciativa vantajosa, outro exemplo do que poderia fazer — fazer e não dizer que convinha ser feito — um organismo empreendedor e anti-rotineiro, seria a preparação de uma série de conferências práticas, a celebrar nos clubes e centros de actividade, sobretudo nos menos favorecidos em assistência técnica, reservada cada uma a seu exercicio e acompanhados pela apresentação de um atleta especializado, nos diversos aspectos demonstrativos do treino e gymnástica de aperfeiçoamento.

Tudo isto seria muito interessante e muito útil. Tem só o inconveniente de requerer competência de facto, não apenas teórica, e trabalho e tempo perdidos sem proveito.

O TRABALHO DA SECÇÃO DO ATENEU COMERCIAL DE LISBOA

EM Maio de 1942 organizava-se no Ateneu Comercial de Lisboa uma secção de campismo, internando nela os inúmeros adeptos que existiam no meio associativo do Ateneu.

Já antes desta data existia no Ateneu um grupo — o «Pró-Natura» — cujos componentes praticavam campismo e faziam a propaganda da modalidade junto dos sócios do Ateneu e no meio desportivo.

Para início da secção promoveram a «Exposição Portuguesa de Campismo», concorrendo para maior expansão da modalidade, não esquecendo a colaboração que prestaram ao «I Congresso Português de Campismo Desportivo».

A secção foi fundada pelos seus actuais dirigentes, srs. Augusto Guimarães, Chaves Mendes e Ernesto do Nascimento, campistas experimentados, com mais de 10 anos de prática do campismo e aos quais se deve uma dedicada acção de propaganda do «campismo».

É o sr. Augusto Guimarães que nos elucida sobre a actividade da secção acclista.

— Os acampamentos que o Ateneu Comercial de Lisboa habitualmente promove nos fins de semana têm por objectivo levar os participantes destes acampamentos a furtarem-se à atmosfera viciada da cidade e a procurarem o campo, a montanha, ou as praias, para passarem algumas horas em contacto com o ar livre, praticando as modalidades desportivas que a Direcção do Ateneu mantém normalmente, em especial a gymnástica, o atletismo e a natação.

«Também costuma o A. C. L. organizar periodicamente grandes acampamentos, que têm por finalidade o estreitamento das relações de camaradagem que devem existir entre todos os campistas dos vários núcleos e secções da especialidade espalhadas por Portugal. Um dos princípios que sempre nos norteia tem sido, evidentemente, pugnar pelo maior disciplina campista, de forma a prestigiar-se o «campismo» português.

Actividade e propaganda

— São conhecidas as originais iniciativas que a secção campista do Ateneu tem lançado, com o

Tomou a nova Direcção Ceral de Educação Física e Desportos a incumbência espontânea de auxiliar os desportos mais meritórios e menos favorecidos. Tinha plena confiança na sua acção, certos de que saberá pedir aos dirigentes responsáveis do atletismo o plano da seu programa de iniciativas, para melhor lhes prestar a colaboração proposta.

Eis a mais agradável surpresa que nos poderá reservar a temporada cuja actividade agora desperta.

SALAZAR CARREIRA

objectivo de divulgar o excelente desporto. A «Campanha de difusão do campismo» foi das melhores iniciativas, tendo-se feito saber ao publico o que era o campismo, como se praticava, material aconselhável e disciplina a adoptar.

«Além desta iniciativa, promovemos ainda excursões à Serra da Estréla, uma no inverno e outra na primavera de 1942, e organizámos a «Festa da Primavera» — grande acampamento, com a presença de campistas de todos os pontos de Portugal. Realizámos ainda a «Festa do Outono», que constou de outro grande acampamento, em que tomaram parte os núcleos de Lisboa. Efectuou-se então uma «ginkana» ciclista, disputada por 50 concorrentes.

«Promovemos sessões de cinematografia, com filmes de propaganda campista, e efectuámos o «Fogo de Conselho Acclista», em que colaboram todos os Campistas de Lisboa. Organizámos ainda um passeio ciclo-turista à Lagoa Azul, no qual se registou a inscrição de uma centena de concorrentes.

«A actividade da secção «acclista» mantem-se com as modalidades de campismo pedestre, ciclo-campismo e ciclo-turismo, campismo náutico, «ski», pesca e desportos da montanha.

«Vamos agora efectuar a «Exposição Portuguesa de campismo», com o inteiro apoio dos núcleos campistas portugueses. Em cinco salões do Ateneu, nas férias da Páscoa, exporemos material para a prática do campismo, «ski», alpinismo, desportos da montanha, náuticos (navegação à vela, «kayak» e pesca), ciclo-campismo, pedestrianismo, albergues campistas, etc. Haverá ainda uma sessão cinematográfica e duas conferências sobre camping, terminando com o «Fogo de Conselho», em que todos os núcleos de campismo pretendem homenagear a Imprensa que tem acarinhado a propaganda do campismo.

O Campismo em Portugal

— A enorme propaganda que o Ateneu — e o núcleo de sócios que existia anteriormente à oficialização da nossa secção de campismo — tem feito da modalidade, deu como resultado obter-se um razoável número de campistas em Portugal.

«Segundo cálculos baseados em informações que possuímos, existem no nosso país cerca de 200 núcleos e secções campistas».

São essas secções e esses núcleos os alicerces fortes do movimento campista português. A secção do Ateneu Comercial de Lisboa, animando esses núcleos e dando-lhes as indicações resultantes da longa prática de campismo dos seus orientadores, julga ter prestado um belo serviço em prol da difusão do campismo em Portugal.

De facto, assim é!

F. S.

A EQUIPA DE LISBOA

venceu a selecção de
macaístas por 4-2

NO campo 28 de Maio disputou-se, no domingo, o anunciado encontro de «hockey» entre a selecção de Lisboa e um misto de jogadores naturais da nossa colónia de Macau, mas que se encontram, actualmente, a jogar no H. C. P. e no F. C. Porto.

Ao «match», aguardado com justificada curiosidade, assistiram os srs. drs. Mário de Figueiredo, ministro da Educação Nacional, e Marcelo Cuetano, comissário nacional da «Mocidade Portuguesa», tenente-coronel Salvação Barreto e tenente António Cardoso, director Geral dos Desportos e secretário daquêle organismo.

Este encontro serviu excelentemente a propaganda da modalidade, não só pela maneira como o jogo decorreu, com rapidez e pormenores de técnica interessantes — em especial dos macaístas, habilíssimos no «dribbling» curto e nas paragens de bola — como também pelo aprumo dos jogadores e correcção demonstrada, no sentido da mais firme camaradagem e são desportivismo.

A equipa de Lisboa, jogando à base de energia e contrapondo à técnica mais apurada dos adversários um entusiasmo invulgar, pôde vencer com inteiro merecimento. Tendo sofrido o primeiro «goal» — no período de melhor exibição dos macaístas — os lisboetas recompuzeram-se com facilidade e chegaram a 2-1. Ao intervalo, contudo, registava-se o empate de 2-2. E na segunda parte, depois de vinte minutos de domínio dos macaístas, Lisboa fez os «goals» precisos para ganhar, em surtidas de grande aparato.

O 32.º ANIVERSARIO DO BARREIRENSE

Um dos principais clubes desportivos do distrito de Setúbal, o F. C. Barreirense, está comemorando o seu 32.º aniversário, com um notável programa dividido por dez dias seguidos de festa.

Apraz-nos registar que nem só para a desporto vive o F. C. Barreirense. Há dias procedeu à abertura do II Salão de Trabalhos Infantis, onde é possível admirar alguns esboços de pintura e desenho, os quais, através de uma palestra, mereceram do professor e pintor sr. Américo Marinho palavras de apreço e encorajamento para os pequenos expositores e para os continuadores dessa feliz iniciativa. Própriamente no campo do desporto, possui já o Barreirense um «rink» de patinagem, inaugurado no passado domingo e que constitui uma das notas mais salientes do incansável vigor e amizade dos seus dirigentes e associados.

«Stadium» apresenta ao valeroso clube os seus sinceros parabéns, agurando-lhe as maiores prosperidades.

Alinharam por Lisboa: José Gomes; Costa Campos e José Eugénio; Vítor de Carvalho, Joaquim Garcia e Ludgero Nascimento; Antunes Perna, Carlos Alberto, Alvaro Gão, Oliverio Serpa e Leonel Costa. E por Macau: Sarmiento Guimarães; dr. Santos Ferreira e Vítor Ramalho; Hugo Lopes, dr. Lino Ferreira e Humberto Rodrigues; dr. Leonel Rodrigues, Trigo da Silva, Vítor Lopes, Hugo do Rosário e Alexandrino Gonçalves. Arbitraram os srs. Henri Quérin e Américo Rombert.

Concurso do «Goal da Vitória»

A PESAR-DO trabalho exaustivo do nosso pessoal, encarregado da elaboração das listas dos premiados no Concurso do «Goal da Vitória», não é possível publicar-se, neste número, mais que o apuramento respeitante ao boletim n.º 12; que deu o seguinte: cento e quatro (104) premiados com MIL ESCUDOS e mil duzentos e cinquenta e três (1253) com 500\$00, num total de MIL TRESENTOS E CINQUENTA E SETE (1357) contemplados.

Por lapso de revisão, no n.º 18 de «Stadium», de 7 do corrente, saiu errado o número do cupão: era o N.º 14, como devem ter notado os nossos leitores e concorrentes, e não o n.º 13, que pertencia ao anterior. Fazemos a rectificação para conhecimento dos interessados que não deram pelo lapso — pois poucos foram aqueles que o viram e no-lo fizeram notar...

Informamos de que seguiram para a provincia, em vales registados, as importâncias relativas aos boletins dos n.ºs 10, 11 e 12 e respeitantes aos prémios de 1.000\$00.

Continuamos a receber mais adesões à-cêrca-da entrega dos prémios dos mil e de quinhentos escudos, em pequenas importâncias, à casa dos Vendedores de Jornais

Estamos a receber continuamente perguntas sobre o Concurso do «Goal da Vitória», a que iremos respondendo na medida das nossas possibilidades, porquanto é grande o seu «volume» e... Roma e Pavia não se fizeram num dia!...

CONCURSO DO «GOAL DA VITÓRIA»	
(ORGANIZAÇÃO DE «STADIUM»)	
BOLETIM N.º 15	
CAMPEONATO NACIONAL DE FUTEBOL 15.ª JORNADA	MARGADORES DO «GOAL DA VITÓRIA»
BELENENSES — BENFICA	_____
UNIDOS — F. C. PORTO	_____
OLHANENSE — SPORTING	_____
VITÓRIA — ACADÉMICA	_____
LEIXÕES — UNIDOS (do Barreiro)	_____
Nome do concorrente	_____
Morada	_____
NOTA IMPORTANTE: Os boletins que não tragam bem legíveis o nome e a morada do concorrente serão inutilizados.	
Todos os boletins — Lisboa ou provincia — devem dar entrada na Redacção (Trav. Cidadão João Gonçalves, 19-3.º), impreterivelmente até às 18 horas dos sábados que precedem os jogos, como indicado na base 3.ª do Regulamento do Concurso.	

Campeonato Nacional de Futebol

(Conclusão da pág. 7)

maior valor global do «conze — e a defesa não soube evitar que os portuenses a marcassem...

A fraqueza defensiva notou-se especialmente no principio do jogo e bastou para que o Leixões chegasse a 2-0, aos 13 minutos. Ao intervalo, estavam os grupos empatados, mas Couto contribuiu bastante para isso, com a sua valentia. Após o intervalo, baixou o rendimento de exibição dos interiores «leoninos» — e o Leixões, batalhou animosamente. Chegou assim a 3-2. O Sporting desperdeou, então. Peiroteo martelou a

defesa, para abrir brecha... E marcou os dois tentos que serviram para os «leões» não perderem nenhum ponto... Vitória pela tangente — num desafio que deviam ganhar facilmente.

Uma surpresa

Uma sucessão de triunfos provoça em geral confiança exegerada — em qualquer «team» de futebol. O Vitória de Guimarães entrou por certo no campo contando antecipadamente com mais dois pontos. Deixou-se, porém, surpreender, ante a valorosa exibição dos campeões de Setúbal.

O Unidos fez um jogo no ritmo do costume — certo, mas lento. O Vitória, talvez cansado pelos últimos desafios, não dispôs de velocidade bastante para desarmar o ataque adversário. Deixou-o trabalhar à vontade. Zeferino esteve em dia de má disposição. E o calor fez o resto...

Houve muito de parada e resposta, na marcha do resultado. Ao primeiro ponto do Vitória respondeu o Unidos com o primeiro empate. O Vitória passou depois a 2-1; e os setubalenses responderam com novo empate. Nos ultimos minutos chegaram a 3-2 mas foi já quando os visitantes acabaram por manter a supremacia que apenas haviam exercido de quando em quando. O terceiro ponto veio pois, no momento próprio. Nem tarde nem, cedo...

MÁRIO DE OLIVEIRA

A BELESA DA PATINAGEM

(Conclusão da pág. 4)

nos — a quem aparece — em desafio exemplar à sucessão dos anos, com a mocidade verdadeiramente eterna. Belo exemplo, o de Xavier de Araújo, ao distribuir solícita e incondicionalmente à mocidade os ensinamentos da sua experiência, numa afirmação iniludível de profícuo esforço, alheado de famas e glórias efêmeras.

Deixamos o Jardim Zoológico bem dispostos, sentindo rejuvenescer no nosso espírito aquela certeza de que, mercê de dedicações como esta, a nossa juventude poderia, num futuro muito próximo, apresentar-se perante o mundo do desporto na posse das condições físicas e das possibilidades atléticas que outros exibem orgulhosamente como um postulado do seu valor racial.

Parabéns ao Jardim Zoológico e a Xavier de Araújo — que, com a velha intransigência de eterno amador, vai escrevendo mais umas páginas brilhantes para a sua história de desportista.

RIBEIRO VAZ.

Os 100 Klm. CONTRA RELOGIO

Stadium



(fotos Nunes d'Almeida)

A equipa da «Iluminante»: a partir da esquerda — Jacinto, Sereno, Lopes, Ferreira, Raposo, Martins e Rebêlo



Rebêlo — o vencedor dos independentes



A equipa do «Sporting»: a contar da esquerda — Lourenço, Bartolomeu, Inácio e Aristides